

SER PROFESSOR HOJE: PERCURSOS E PERCALÇOS¹

Beatriz T. Daudt Fischer ²

RESUMO: Quem decide ser professor hoje? Quem tem tido tal ousadia? Eis uma questão que vem sendo colocada em diferentes instâncias na sociedade contemporânea. Nas últimas décadas, a atividade docente não só perdeu o seu poder aquisitivo em termos de salário, mas igualmente perdeu prestígio e status na sociedade em geral. Qual a imagem de professor e de professora que a mídia em geral tem divulgado? E a sala de aula, que imagens temos encontrado nos meios de comunicação? No imaginário dos cidadãos em geral, perpetua-se a ideia retrógrada de escola, de mestre e de ensino. Somos mesmo assim? Em que sentido nós, professores, temos tomado posições fundamentadas? Sempre foi assim? Quais as alternativas possíveis? Estas e outras questões são trazidas ao debate, confrontadas com algumas pesquisas no campo da história da educação, desenvolvidas pela autora.

Palavras-chave: Docência. Mídia. História da educação.

Gostaria de iniciar informando que não se trata de uma conferência, de uma palestra com um começo, um meio e um grande final, mas de pontos que eu fui retirando, a partir de algumas pesquisas que fiz e também a partir desse cotidiano da docência ou de acompanhar docentes. Pra começo de conversa, falo de algumas questões que tem me chamado atenção nos últimos tempos. No verão, em férias, encontramos mais tempo para fazermos caminhadas saudáveis, observando o que encontramos pelo percurso. É comum aqui e ali, visualizarmos faixas homenageando jovens que acabaram

¹ Palestra proferida por ocasião do Simpósio de Educação, URI/FW, 2012.

² Professora pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação/Unisinos.

R. de Ciências Humanas	Fredererico Westphalen	v. 13	n. 21	p. 11 - 20	Dez. 2011. Recebido em: 15 out 2012 Aprovado em: 22 out. 2012
------------------------	------------------------	-------	-------	------------	--

de passar no exame vestibular. Na frente das casas ou nas sacadas dos apartamentos, nossos olhos se deparam com uma escrita sucinta que geralmente diz: *Parabéns, fulano!* E, em seguida, o nome do curso que o jovem pretende seguir. Pergunto: acaso temos encontrado tais faixas cumprimentando pelo êxito do filho ingressando em Licenciatura? *Parabéns, fulano!* HISTÓRIA. Ou: *Valeu, Janaina!* PEDAGOGIA.

Tenho desenvolvido muitas pesquisas envolvendo história e memória (FISCHER, 2011). Com todo respeito, gostaria de lembrar uma história que circulava quando era governador o senhor Amaral de Souza. Era o tempo dos grandes movimentos do CEPERGS, anos oitenta, a gente lutava com todas as forças pelas conquistas do magistério. Nosso embate era contra o governo e ele personificava o inimigo. Então era comum comentar que o governador não gostava dos professores. Corria a história de que, quando perguntavam a ele o que seus filhos estudavam, ele – tendo três filhas – respondia assim: *Uma estuda engenharia, uma está terminando medicina... (E a terceira?)... “Ah, a terceira está fazendo... licenciatura.* Diziam que, ao falar desta, ele falava em tom mais baixo, meio envergonhado... Era uma piada da época, mas vale trazer aqui e talvez indagar: quantos pais hoje expressam este constrangimento?

Quem viaja um pouco mais, andando inclusive fora do país, pode dizer que esta não é só uma situação brasileira ou latino-americana. Na contemporaneidade, ser professor realmente não tem mais o charme ou status que teve até os anos sessenta do século XX. Era, sim, uma aspiração, um grande desejo por muitos aspirado. Em nossa realidade atual, os jornais, a mídia em geral, têm lidado com isso: nós, os que escolhemos ser professor ou professora somos poucos. Quem está hoje aqui neste auditório sabe muito bem do que estou falando. De fato, não é uma profissão disputada.

Na instituição em que trabalho, no final do ano costuma-se abrir as portas para que estudantes do ensino médio possam saber mais sobre possíveis cursos que poderão escolher. Em geral, são solicitações vindas das próprias escolas onde, já anteriormente, houve divulgação de diferentes cursos a pedido dos próprios estudantes. As escolas inclusive solicitam que professores da universidade façam palestras sobre os respectivos cursos, sobre o campo profissional, etc.

Acontece que os cursos de Licenciatura raramente são solicitados. Ano passado eu fui lá no setor que gerencia tais atividades e me ofereci. Ou seja, disse que eu queria também ir às escolas para falar sobre os cursos de formação de professores. Qual a resposta que recebi? *Desculpe, professora Beatriz, nenhuma escola de nível médio tem solicitado sobre a profissão professor, eles querem comunicação, engenharia e mais recentemente querem saber sobre o curso de audiovisual, rock e música, informática, gestão – estes os cursos de maior procura.* Obviamente, pensei com meus botões.

Sabemos todos: de forma espontânea nenhum jovem vai escolher ser professor hoje. Daí, decidi fazer um projeto: eu quero ir, mesmo que ninguém queira, eu quero ir falar, divulgar e explicar sobre a nossa profissão. Estou convencida de que todos nós, que assumimos a docência por opção, temos muito a dizer sobre ser professor, ser professora, embora todas as adversidades que a profissão enfrente no contexto atual. Acredito que é fundamental divulgar todos os lados desta opção, mas principalmente evidenciar as razões de nossa escolha e, inclusive, nossa paixão, pois a depender da mídia, e das políticas de Estado, não haverá professores num futuro não muito distante.

A seguir, vou passar rapidamente algumas imagens que andei pesquisando sobre como nós temos sido vistos na mídia. Trata-se de uma pesquisa em processo, ela não tem nenhuma intenção aqui de trazer dados definitivos, nem de fazer generalizações. Em geral o que tenho identificado são imagens de professoras muito meigas, muito queridas, ou então professores ou professoras em *cartoons* e charges com fisionomias de desespero. Geralmente imagens que mostram momentos envolvendo a figura da professorinha - poderíamos aqui discutir essa questão de gênero. Nas novelas, por exemplo, quando aparece a professorinha, ela sempre é uma moça ingênua. Essa semana, casualmente, eu estive com uma criança que quis ver “Carrossel”, programa do SBT. Trata-se de novela agora brasileira, mas direta imitação da mexicana. E aí, mais uma vez, lá está a professorinha, dessas assim bem queridinha, bonitinha e feliz, não é mesmo? Seguindo a pesquisa, encontrei também imagens que a mídia, principalmente a mídia televisiva, divulga: a escolinha, muito criativamente inventada pelo Chico Anysio, e que por anos

(há um canal que ainda continua reproduzindo): passa uma ideia de um professor que sabe – e só ele sabe a resposta correta - que faz perguntas pra alguém que não sabe, que tenta responder.

Nas novelas também eu vejo um pouco isso, não é só em programa humorístico, esse *modelito* de professor que fica situado na frente de todos os alunos, explicando e os alunos estão sentadinhos quietinhos, um atrás do outro. Além disso, na mídia em geral, lastimavelmente, quando fazem reportagens jornalísticas, dessas que aparecem no jornal das sete ou das dez, quase sempre filmam salas de aula onde tem o professor no quadro e crianças também uma atrás da outra. Perpetua-se no imaginário dos telespectadores algo que se conserva. Em uma imagem retirada da internet, uma professora robô do Japão atesta esta ideia. A reportagem referia que em algumas áreas distantes, os japoneses estão usando essa professora, ela é toda gerenciada através de botões, e as crianças, a quilômetros de distância, aprendem com ela. Tem também, embora em menor quantidade, imagens positivas, no sentido de apresentar um professor mais dialógico, ou que represente diferentes etnias. Raramente professor homem com crianças. Encontrei também imagens (desenhos ou fotos) de professores reunidos em discussões.

Gostaria de, rapidamente, fazer referência a uma pesquisa minha, que indagava sobre ser professora em outros tempos. Primeiro, de que *outros tempos* estou falando: fiz o estudo envolvendo os anos cinquenta do século XX, chamada “Era de ouro”, ou os anos dourados do magistério gaúcho. O mesmo dizia-se magistério de Minas, e um pouco de São Paulo. Era costume dizer como os anos maravilhosos do magistério. Então resolvi estudar essa época, só que não se encontra muita imagem de professora. No caso, eu estudei a professora primária dos anos cinquenta, um passado não tão distante em termos históricos. E uma das fontes pesquisadas foi a Revista do Ensino, uma revista famosa na época. Se vocês falarem com as avós professoras, dificilmente vai encontrar uma vó com mais de 70 ou 80 anos que não tenha lido ou assinado a “Revista do Ensino”. Os textos eram incríveis, eu vou ler este:

Tens meditado alguma vez na autêntica grandeza do teu ofício?
É possível que muitas vozes tenham murmurado em teu ouvido a
letânia malsã que se inclina a concluir na inutilidade de todo esforço
excêntrico a um eixo que tem na riqueza e no prazer seus polos.

Porém, teu reino não é deste mundo, mas de outro, muito mais alto e, por isso mesmo, muito mais difícil e exigente (REVISTA DO ENSINO, 1960, p. 35).

Teria muitos outros textos para trazer para ilustrar aqui, evidenciando que num passado não muito distante discursos deste tipo constituíam esta professora mulher, mãe e esposa. A escola de formação, denominada *escola normal*, geralmente era um colégio de freiras. Mas mesmo quando se tratava de colégio público, como o Instituto de Educação em Porto Alegre, não havia muita diferença quanto à dimensão missionária do magistério. Na revista também há muitas orações:

Senhor [...] quero ser para os meus gárrulos discípulos como o pelicano para os seus filhinhos. Reza a lenda que esta ave prodigiosa – ave da dedicação e da renúncia – alimenta os seus pequeninos rebentos com o próprio sangue, a própria vida. Mata-se lentamente para que eles vivam e cresçam, e sejam fortes e felizes. Amor de pelicano é também este amor pedagógico da professora pelos seus alunos, tão grande e tão puro que não visa à correspondência afetiva nem à compensação material. Amor que se contenta com a ventura que aos seres inocentes proporciona e concede, com abrir-lhes os olhos e o espírito para as maravilhas da ciência, as belezas do mundo e os mistérios da eternidade. (REVISTA DO ENSINO, 1958, p. 3).

Eu não sei - o professor Chassot, aqui presente, deve entender muito mais do que eu da parte de ciências e talvez de pelicanos - mas considerarei interessantíssimo (!): a oração insinua que a professora, o professor deve matar-se aos poucos pelos alunos... Amor de pelicano. Além disso, o conjunto de discursos neste periódico, tão famoso entre as professoras da época, sempre propõe que não há recompensa material que pague um professor ou uma professora. Na pesquisa fui também aos jornais do período, saber acerca do que se publicava em torno do magistério e dos docentes em geral. No fim dos anos cinquenta e início da década de sessenta, no Rio Grande do Sul, e acredito que em outros lugares do Brasil também, os professores começam a se rebelar, só que é muito forte o poder que sustenta o pensamento de que *tua missão é muito mais importante que um vil metal*.

Neste estudo que desenvolvi, e que depois virou minha tese de doutoramento (FISCHER, 2005), eu analiso justamente

esse tensionamento entre a consciência profissional que começa a despertar entre o magistério e tais discursos (e respectivos poderes que os sustentam). Percebem-se forças poderosas, porém muito sutis, que não permitem que professoras consigam lutar pelos seus direitos. Vejam que, alguns anos antes, em 1945, foi fundado o Centro de Professores Primários do Rio Grande do Sul, hoje CPERS. Esta instituição foi fundada por professoras primárias, que foram chamadas de comunistas. Se tiverem oportunidade, procurem pesquisar tais jornais, como o *Correio do Povo* de 1945. Lá aparecem matérias sobre *as católicas e as comunistas*. Aprofundando a investigação descobri que não era bem assim no cotidiano. Mas cada vez que grupos tentavam se organizar e reivindicar, por exemplo, lutar por um estatuto próprio (as professoras tinham o mesmo estatuto do funcionário público), sempre havia forças muito poderosas, que não apareciam em um primeiro momento, que faziam com que estas ideias, estas resistências, estas reivindicações não conseguissem se concretizar. Nos jornais pesquisados³ constatam-se muitos elogios – e louvores – principalmente durante o mês de outubro, com homenagens aos professores. A análise efetuada, entretanto, acaba verificando que, ao mesmo tempo em que há grande enaltecimento ao trabalho do professor, ou à maravilhosa vocação exercida, o discurso transmite a seguinte ideia: *mantenha-se como você é, seja assim, maravilhoso, comportado, obediente*, de fato, quase um santo⁴. Há um texto do secretário de educação cujo conteúdo é quase uma obra de literatura, nele há o que hoje se diria massagem no ego de todos os professores. Entretanto, ao longo do texto, sempre há um alerta constante: *Mantenha-se assim, é isso que é a maravilha de ser professor: uma tarefa sagrada*. Ser professor é...

[...] arte e apostolado, é função oracular e consagração. Esse professor, entretanto, segundo os mesmos textos, assume e/ou enfrenta desconforto, rudeza, monotonia e repetição no dia a dia, ásperas lutas e circunstâncias adversas, mas não esmorece, porque possui espírito sacerdotal, senso de responsabilidade e, por isso, pratica anônimos sacrifícios, diante da missão sublime, nem sempre recompensada materialmente (REVISTA DO ENSINO, fragmentos de edições variadas, sempre no mês de outubro dos anos investigados).

³ Jornais *Correio do Povo* (1950-1971) e a *Última Hora* (1950-1964); *Zero Hora* (1964-1971).

⁴ Embora naqueles anos a quase absoluta maioria do magistério era constituída por mulheres, os textos sempre estão flexionados no masculino.

Vale lembrar que tais discursos ainda circulam hoje entre nós. Assim como outros que a mim causam incômodo, como aquele que insinua que todo mundo entende de educação. Escola, ensino, educação, assuntos muito comuns na mídia. E todo mundo dá palpite como sobre deve ser a escola, como deve ser o professor. Pergunto: alguém diz pro médico como ele tem que proceder? Deputados ou vereadores dizem para os restaurantes como deve ser o cardápio? Pois algumas câmaras de vereadores têm instituído matérias de currículo nos municípios. No ano passado o SINPRO me pediu um pequeno texto sobre isso, porque os vereadores de Porto Alegre estavam acrescentando mais uma disciplina que, segundo eles, *faltava* no currículo. Talvez nós sejamos em parte culpados, nos não estamos ocupando o espaço que às vezes a mídia nos oferece. Talvez a gente tem permitido sim. São questões pra gente pensar e discutir. Além disso, nós também guardamos um certo conservadorismo no nosso cotidiano pedagógico. Não defendo o conservadorismo, que parece estar nos genes de muitos colegas, como por exemplo esse modelo de aula (aliás é o modelo que eu estou usando nesse momento): um fala e os outros todos ouvem, ou dormem. Modelos antigos que não mudaram muito, inclusive há mais de cem anos. Esse tipo de tradição e conservadorismo que pode existir em alguns momentos, teríamos que nos questionar: até que ponto ele tem ocupado e quanto por cento dele tem ocupado da nossa escola ou da nossa universidade? Ouço dizer que a escola é quase sempre uma mesmice e a universidade é uma instituição extremamente conservadora. Quanto ao modelo de “aula”, percebe-se mudança apenas em dois extremos, ou seja, a educação infantil tem mudado bastante e as aulas na instância de pós-graduação. Nestes dois polos, algumas experiências um pouco diferenciadas vem sendo desenvolvidas.

A respeito de inovação (na tela a imagem de aluno com *tablet*), eu brinco, porque o *tablet* é muito parecido com a pedra que os nossos avós, ou a minha mãe que tem 93 anos, usaram, aquela pedra que alguns chamam de ardósia. Eu brinco um pouco que não é muito diferente. Então quero trazer para reflexão nossa um pouco desse binômio tradição/inovação, que faz parte do processo educativo. Não considero que sejam totalmente dicotômicos, pois não existe educação sem ser a partir de algo que já existe. Não se pode educar

alguém a partir do totalmente novo, pelo fato de que eu que educo, já sou alguém que já trago um passado, uma tradição. Então, a questão talvez fosse verificar como fazer, dentro do processo educativo, um bom questionamento e uma reflexão coletiva: onde nós atuamos, o que é transmissão: Já dizia Durkheim em 1922: *É pela educação que se faz a transmissão*. Ou valeria refletirmos sobre o que significam as palavras de Hanna Arendt, que defende que educação, em seu sentido clássico, é sempre a transmissão do legado dos antigos às gerações mais novas. Sim, de fato, a educação se faz em grande parte por transmissão. Mas há que ter cuidado: esse legado dos mais velhos aos mais novos, essa passagem da tradição, pode carregar implicitamente certo conservadorismo.

Então, encerrando, eu digo que se trata de uma história sem fim, aliando tradição/inação continuamente. É assim que se dá o processo educativo ao longo da história da humanidade. Tradição/inação não constituem polos dicotômicos. São dimensões inerentes ao ato de educar. Há que ter cuidado também: muitos educadores aderem ao novo só porque é novo. Eu brinco muito com a ideia seguinte: há aquele professor que ouviu o passarinho cantar e sai cantando. Não sabe quem é o passarinho, onde cantou, em que contexto, com qual finalidade. Aconteceu muito nos anos oitenta, com o tal construtivismo. Incrível, eu trabalhava na UFRGS na época, as professoras das escolas que recebiam nossas estagiárias vinham para reunião conosco e algumas já chegavam se desculpando, falando em tom baixo: *Professora, eu não sou construtivista*. Bem, eu respondia: *qual é o problema em não ser construtivista? Vamos conversar, vamos saber como trabalhas, o que vem dando certo, por que, etc.* Parecia ser um grande pecado, uma coisa terrível, altamente negativa, não ser uma *professora construtivista* - seja lá o que se entendesse por construtivismo, porque também as diferentes interpretações se constituíam como um problema. Desde então discuto muito nos processos de formação de professores: será que nós não temos uma certa tendência - no Brasil, mais do que na latino-américa espanhola - de entrar na onda do novo, do último grito e sair adotando a última moda pedagógica. Sim, uso o termo *moda* porque é o que cabe neste caso: *Ah, tu ainda estás usando o fulano como referência? Não se usa mais este autor!* Lastimavelmente, há colegas professores que

adotam os últimos autores, os da moda, e saem usando sem saber de fato a razão em adotá-lo, nem como fazer as devidas interpretações, relações com o contexto, e assim por diante.

Professor? Professora? Prefiro a palavra *mestre*, acho que é uma maestria poder mediar entre o velho e o novo. Há que ter sabedoria para definir o que conservar e o que/como inovar. E, sem dúvida, há que ter paixão. Naquela peça de Platão, *O banquete*, que talvez alguns tenham estudado nas aulas de Filosofia, há um trecho que sempre gosto de trazer para explicitar um pouco o que defendo: o personagem Alcebiades chega ao banquete e diz aos presentes (e com essa mensagem vou encerrando minha parte por enquanto, nesta noite). Ele diz o seguinte:

Também me domina isso que acontece ao que foi picado por uma víbora, dizem que aquele que passou por isso alguma vez não quer contar a ninguém a não ser aos que tenham também sido mordidos, já que são os únicos que irão lhe compreender. Pois bem, eu fui picado por algo que causa ainda mais dor e na parte mais sensível, no coração. (PLATÃO, 2006, p. 52).

Eu penso que nós, que escolhemos o magistério, e que permanecemos no magistério, só o fazemos porque fomos mordidos, somos envenenados pela paixão em ensinar. Tem que ter paixão. E um pouquinho de loucura faz parte também ou, quem sabe, um punhado de loucura. Nestes percursos e nestes percalços há que ter sido mordido, há que estar completamente envenenado.

Encerro contando um episódio de minha vida privada, mas que cabe aqui: desde ontem estou mais feliz, sei que minha filha também está começando a sentir este veneno (o meu filho há mais tempo tem evidenciado a paixão em ser professor). Mas ontem minha filha, que pela terceira vez está sendo professora num curso de extensão sobre cinema, me enviou, no final da tarde, um torpedo, dizendo: *Acho que eu poderia dar aula para sempre, é muito bom*. Imediatamente eu já enviei este trecho do Platão para ela, pois com certeza foi mordida, está envenenada. O que mais uma mãe, apaixonada pela mesma causa, iria querer?

BEING A TEACHER TODAY: PATHWAYS AND PITFALLS

ABSTRACT: Who decides to be a teacher today? Who has had such daring? Here is a question that has been placed in different instances in contemporary society. In recent decades, teaching not only lost its purchasing power in terms of salary, but also lost prestige and social *status*. What teacher's image the general media has reported? And what kind classroom's media image we have found? The general imagination has perpetuated the retrograde school's idea, and also about teacher and education. In fact, is it like that? In what sense we, as teachers, have taken reasoned positions? It was like that all the time? What are the alternatives? These and other issues are brought to the debate, confronted with some education history research undertaken by the author.

Keywords: Teaching. Media. Education history.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hanna. A crise na educação In: _____. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo, perspectiva, 2003.

DURKHEIM, Emile. **Educação e sociologia**. 11. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

FISCHER, Beatriz T. Daudt. **Professoras**: histórias e discursos de um passado presente. Pelotas: Seiva Publicações, 2005.

FISCHER, Beatriz T. Daudt. **Tempos de escola**: memórias. Brasília: Liber Livro; São Leopoldo: Oikos Editora, 2011.

PLATÃO. **O Banquete**. São Paulo: Edipro Bolso, 2006.

REVISTA DO ENSINO. Minas Gerais, mar., 1960.

REVISTA DO ENSINO. Minas Gerais, set., 1958.